

UTILIZAÇÃO DE EXAMES DE IMAGEM NO DIAGNÓSTICO DE MASTOCITOMA EM UMA CADELA

HELLEN MARIANE DANTAS¹; EMMANUELE DO COUTO LIMA²;
INDYARA MESQUITA FERNANDES³; ALESSANDRA AGUIAR DE ANDRADE⁴
CAMILA LUCAS DOS SANTOS BARROS⁵;
GUILHERME ALBUQUERQUE DE OLIVEIRA CAVALCANTI⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – hmarydantas@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – coutoemmanuele@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – indyara.fernandes@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – aleandrade1508@hotmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – mila.luk@hotmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – guialbuquerque@yahoo.com

1. INTRODUÇÃO

As neoplasias cutâneas acometem cães frequentemente (OLIVEIRA et al., 2021). Dentre elas, o mastocitoma com cerca de 20% de casuística dentro da rotina clínica, sendo mais comum em animais com idade avançada (ARAÚJO, 2019). Em cães, esses tumores originam-se principalmente em membros torácicos e tronco, com cães das raças Boxer, Labrador, Golden Retriever, Boston Terrier, Pug, Shar Pei, Pastor Alemão e Collie os mais predispostos (MACHADO et al., 2018).

O mastocitoma ocorre a partir da proliferação descontrolada e anormal de mastócitos, sendo classificado como tumor de células arredondadas devido sua morfologia. Normalmente é detectado em regiões como o tecido subcutâneo e derme, podendo ocorrer disseminações sistêmicas, as quais são chamadas de metástases (CID et al., 2020), com maior frequência em órgãos como fígado, baço e linfonodos (ZAMBOM et al., 2015).

O diagnóstico definitivo é realizado por meio de informações clínicas do paciente aliado ao exame histopatológico através da análise de fragmentos coletados de regiões acometidas por lesões oriundas da neoplasia (MAZZINI et al., 2020).

É fundamental que após o diagnóstico, seja realizada a pesquisa de metástase através de exames complementares para o estabelecimento do prognóstico do paciente (ARAÚJO, 2019). Nesse sentido, o objetivo deste estudo é relatar a utilização do exame ultrassonográfico, como pesquisa metastática, em uma cadela diagnosticada com mastocitoma.

2. METODOLOGIA

Foi atendido no Hospital de Clínicas Veterinária da Universidade Federal de Pelotas (HCV-UFPEL), um canino, fêmea, castrada, sem raça definida, com 9 anos, pesando 25,9kg. Com histórico de um tumor ulcerado no lado direito do

abdômen, que, segundo relato do tutor, ulcerou após a paciente lamber a região com frequência.

Durante o exame clínico foi observada a presença de um nódulo cutâneo, firme, eritematoso, não infiltrativo, ulcerada na região caudal do lado direito do abdômen, medindo 2,5 cm x 2,5 cm. Após a anamnese e exame físico da paciente, a suspeita diagnóstica inicial era de mastocitoma em região abdominal. Desta forma, os exames de hematológicos, radiografia torácica, ultrassonografia abdominal e citologia da massa, sendo esta última realizada pela técnica de punção aspirativa por agulha fina (PAAF). Estes exames foram solicitados para diagnóstico e início adequado do tratamento, assim como a definição do prognóstico da paciente. Assim, o animal foi encaminhado ao Laboratório de Diagnóstico por Imagem e Cardiologia do Hospital de Clínicas Veterinárias da UFPEL (LADIC-HCV), para realização dos exames de imagem, com a finalidade de pesquisa de metástases.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao exame ultrassonográfico o fígado apresentava-se com dimensões aumentadas, bordos arredondados e contornos regulares, de ecogenicidade mista e ecotextura heterogênea com presença de nódulos hipoecogênicos irregulares de contornos mal definidos distribuídos por todos os lobos hepáticos. Sendo estes achados sugestivos de processo neoplásico.

O exame ultrassonográfico abdominal nos casos de mastocitoma tem elevado valor diagnóstico na avaliação do envolvimento do fígado e do baço, e também no acompanhamento para controle da doença. Após a cirurgia para remoção do mastocitoma grau II, a paciente retornou para reavaliação ultrassonográfica e foi observado melhora nos aspectos ultrassonográficos identificados em fígado, em comparação ao exame anterior.

Na radiografia torácica foram avaliadas as projeções laterolateral esquerda e direita e ventrodorsal de tórax, no qual não foram observadas alterações sugestivas de metástase pulmonar.

Para diagnóstico inicial da enfermidade na paciente, foi realizada punção aspirativa por agulha fina (PAAF) da massa presente na região esquerda abdominal. A citopatologia da amostra do abdômen foi sugestiva de mastocitoma.

Dessa forma, foi recomendada pela citopatologia a excisão cirúrgica da massa em região abdominal com margem ampla e a realização de histopatologia da amostra. O exame histopatológico classificou a amostra como mastocitoma de grau II.

É importante ressaltar a necessidade da avaliação minuciosa da localização, taxa de crescimento, estágio clínico do tumor, assim como os sinais sistêmicos apresentados e, principalmente, o grau histológico do tumor, para determinar o diagnóstico e conduta terapêutica, que depende do grau de diferenciação, intensidade de proliferação e envolvimento de margem cirúrgica (ARAÚJO, 2019).

A ressecção cirúrgica é a modalidade de tratamento mais efetiva, desde que realizada com margens de segurança, possibilitando ou não o aumento da sobrevida do animal, seguida de quimioterapia (DA SILVA et al., 2022). Assim, a paciente realizou o procedimento cirúrgico para ressecção desse mastocitoma.

Após a cirurgia, foram realizadas 5 sessões de quimioterapia semanalmente com Vimblastina 2 mg/m², durante cinco sessões semanais, associado a Prednisona 1mg/kg por duas semanas e, após isso, 0,5mg/kg do corticóide até o final das sessões. Após, foram realizadas mais quatro sessões quinzenais de quimioterapia. Durante a terapia, a paciente apresentou aumento importante da enzima Fosfatase Alcalina (2.145 UI/L) sendo o valor de referência (20 - 156 UI/L). A Fosfatase é utilizada para o diagnóstico e acompanhamento de distúrbios hepáticos e osséos, porém a Alanina aminotransferase (ALT) estava dentro dos valores de referência. Assim, iniciou-se terapia com protetor hepático (Silimarina 500mg – 30 comprimidos) o tratamento foi realizado com uma capsula a cada 24h durante 30 dias e, após isso, mais 30 dias, seguido de acompanhamento ultrassonográfico.

Ao repetir o exame ultrassonográfico abdominal da paciente, encontrou-se melhora perceptível de ecogenicidade hepática, assemelhando-se a um fígado sem metástase de mastocitoma. Optou-se então, por manter paciente com quimioterapia metronômica de ciclofosfamida 10 mg/m² por 30 dias e, o uso do corticoide foi reduzido gradualmente durante 14 dias, sendo reavaliado após o tratamento com o fármaco quimioterápico.

O acompanhamento ultrassonográfico, após início do tratamento, foi realizado no paciente como o recomendado por (COUTO, 2006) a fim de identificar linfadenopatia, hepatomegalia ou esplenomegalia.

O animal do presente relato é da espécie canina, sexo feminino, castrada e apresentava nove anos de idade. Desta forma, a faixa etária, corrobora com ((DALECK et al., 2016)) e (COUTO, 2006) que relatam a casuística de animais com idade entre 8 e 9 anos e sem predileção sexual.

Foram realizadas coleta de sangue para hemograma e perfil bioquímico, radiografia torácica e ultrassonografia para o acompanhamento durante e após o tratamento, conforme indicado, assim como a reavaliação do paciente a cada três meses até os 18 meses de terapia, após esse período, os retornos médicos ocorrerão a cada 6 meses a fim de detectar qualquer recorrência local ou disseminação regional (DA SILVA et al., 2022).

4. CONCLUSÃO

A ultrassonografia mostrou-se como uma importante ferramenta de diagnóstico e acompanhamento durante o tratamento da enfermidade da paciente presente no relato de caso.

Portanto, quanto mais precoce e correto for o diagnóstico junto ao tratamento terapêutico completo e, acompanhamento como forma de prevenção de recidivas e controle da patologia, aumentam a taxa de sobrevida do paciente.

5.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, R. P. S. **Mastocitoma cutâneo em cão: relato de caso.** 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal Rural de Pernambuco.

CID, L. N. **Metástase linfática de mastocitoma grau 1 de alta intensidade: relato de caso.** 24f. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação), Centro Universitário de Brasília.

COUTO, C. G. **Tumores de mastócitos em cães e gatos**. In: NELSON, R. 16 W.; COUTO, C. G. Medicina interna de pequenos animais. 3ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, p. 17 1109-1111, 2006.

DALECK, C.R; NARDI, A. B. Oncologia de cães e gatos. Rio de Janeiro: Roca, 2016. V.2.

DA SILVA, T.P; LEMOS, T.D; SILVA, M.E.M. **Mastocitoma canino - relato de caso**. UNIFESO, Teresópolis, v. 2, n.1, p. 1-10, 2022.

MACHADO, M. A; ROCHA, C.O.J; NATÁLIA, L.L. **Mastocitoma Cutâneo Disseminado Canino: Relato De Caso**. Revista De Saúde, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 26-29, 2018.

MAZZINI, T. E. F; SOUSA, J. V. R; DIAS, L. B. P. **Relato de Caso: Mastocitoma metastático em Cão**. In: Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão, Uruguiana, 2020. Anais Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão, Uruguiana, 2020. v.12. p. 2.

OLIVEIRA, V. M. de, CORREIA; S.S. MORAIS, C. R. de. **Principais neoplasias cutâneas em cães: uma revisão de literatura**. Revista Multidisciplinar Em Saúde, v.2, n.3, p.130-140, 2021. OLIVEIRA, V. M. de, CORREIA; S.S. MORAIS, C.R. de. Principais neoplasias cutâneas em cães: uma revisão de literatura. Revista Multidisciplinar Em Saúde, v.2, n.3, p.130-140, 2021.

PEREIRA, L.B.S.B; PESSOA, H.F; FILHO, L.B.F.F. **Mastocitoma de alto grau em um cão: relato de caso**. Pubvet, Maringá – Paraná – Brasil, v.12, n.9, p.1-5, 2018.

ZAMBOM, D. A; LUKAESEWSKI, R; BECK, C. Mastocitoma em cão-relato de caso. IN: XXIII Seminário de Iniciação Ciência, Ijuí, 2015, **Salão do Conhecimento**. Ijuí. 2015. v.1. p. 5.